S. PAULO (BRASIL) — Sabado, 16 de janeiro de 1915 — ANO XIV — N. 272

Publica-se aos sabbados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO. . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior ha a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegrafico: LANTERNA

Toda correspondencia ao director

Pobre humanidade!

O pequeno grão de pó perdido no infinito do espaço ainda sofre infelizmente os efeitos do cancro religioso e, como consequencia, da injustiça social. Por maior que seja o nosso otimismo, somos contudo obrigados a confessar que a época da razão, do bom senso, da igualdade e da justiça, ainda não está tão perto quanto julgavamos no nosso ardor da batalha para enfim conquistarmos os desejados tempos de luz e de pureza. Essa época, contudo, ha de fatalmente chegar: o homem tende para a perfeição.

No entanto, quando assim afirmamos, pensamentos sombrios passam pelos nossos cerebros, o futuro se nos depara incerto, enfim, ha sombras tristes que quasi apagam os pensamentos vivificantes de dias idealizados melhores, que passam pela nossa imaginação. Porque?

Olhemos para o presente, para o seculo das luzes, para a tão elogiada civilização moderna, e veremos uma humanidade gasta, corroida pelos vicios os mais hediondos, já quasi inutil, caminhando para a loucura universal. A morte paira sombriamente por sobre ela, ameaçando-a com o nada. Os pensamentos elevados, o altruismo sem interesse, o amor, afinal, desfazem-se como o fumo, gradualmente, deixando-a desamparada ou com o cortejo tetrico de sentimentos baixos, cujo resultado é ela se atirar sofregamente ao seio daquela megera hedionda com mascara afavel, a atrofiadora brutal — a religião. O que fica dito é talvez (oxalá não seja) a expressão do que vemos na época actual: a humanidade caminhando desassombradamente para o seu aniquilamento completo, para a escuridão absoluta de onde talvez não logrará sair.

E' porque na terra ainda impera indevidamente um ser extranho, insondavel, sanguinario, talvez um monstro lendario, aquele mesmo que postou uma intransponivel barreira na marcha do progresso do milenio medieval e ao qual os bonzos dão imenso prestigio e chamam — Deus. E' porque os homens ainda vão dominados pelo cerebro embrionario dos brutos da remota idade da pedra lascada.

E' porque a humanidade, medrosa, se agarra ainda á poetica imaginação de uma outra existencia interminavel e que, contam os bonzos, tem gozos extranhos que desmaiam e dão vertigens ao cerebro do pobre mortal. E, para alcançar o ambicionado delirio, o homem se embrutece, embrutece os que dele se aproximam com um contagio assombroso, roubam, afinal, á humanidade o socego. Pensando em outra vida os lastimaveis ingenuos degeneram esta, a palpavel, a verdadeira, sobrecarregando-a assim com mais injustiças revoltantes como se já não fôra bastante o peso das realidades tristes. Dizem eles: sofrei, sofrei, irmãos, não destrui o vicio que vos circunda, não minorai os males que vos cercam, não procurai regenerar os decaidos, pois serão para vós a tentação que, vencida, vos levará ao seio de Jeová eterno!

Essa moral vergonhosamente egoista, essa religião imbecil, incontestavelmente, sempre serão as bases poderosas do atavismo.

Os homens de ideias elevadas, contudo, não se deixam embalar pela cantiga da lenda religiosa, pelo irreal e pelo absurdo. Eles, que só conhecem a vida presente, que se acham livres da influencia religiosa, só aqui procuram o ideal, e para isto trabalham para o bem universal, cujas obras contudo são prejudicadas pelas inumeraveis legiões dos crentes do Além.

Eles, com elevado altruismo, não trabalham para si prejudicando aos outros, mas para os outros prejudicando talvez a si proprios. Têm religião: a Luz. Têm esperança, mas esta está no futuro real, talvez remoto, no porvir da humanidade. Têm fé, sim, no trabalho enorme que despendem na luta que alcançará fatalmente, assim esperamos, o seu fim. E só eles possuem a caridade, a verdadeira, pois trabalham para o bem comum sem serem coagidos a isto pelo terror inexpressivo das fantasticas paragens infernais. Do presente nada esperam; o futuro ideal de bem-estar sonhado é a suprema ambição elevada, altruistica. Nele estão depositadas todas as esperanças daqueles que trabalham sem a influencia dos preconceitos mesquinhos e das ideias inveteradas.

Como dizia, é tal o embrutecimento humano que parece haver uma retrogradação da especie, embrutecimento esse que, se continua, arremessará fatalmente a humanidade para um estado donde jámais se erguerá. Digo isto, pois a época actual está em contraste com uma civilização cheia de mazelas.

O mal, contudo, é perfeitamente curavel, assim julgo eu e julgam aqueles que trabalham para o seu aniquilamento; paciencia e perseverança na luta é o que precisamos.

Agora que, por uma curiosa aberração, o homem se lança sofregamente no seio da religião, que lhe tem feito imenso mal, que tolhe os seus passos para a vida ideal, mas de uma realização possivel, de uma civilização feliz, o trabalho daqueles em prol de bem-estar da especie, a luta sem tregoas contra os elementos que corrompem e degeneram, a ambição pelo ideal sonhado, tornam se imensamente necessarios, urgentes, inadiaveis, pois do momento actual depende talvez o brilhante futuro almejado.

O genero humano atravessa um daqueles momentos de indecisão em que não sabe se deve optar pelo vicio, pela degradação completa ou pela continuação no trabalho do progresso.

Cumpre aos esclarecidos conduzi-la para o ideal ou, pelo menos, coloca-la na senda que vai ter á perfeição sonhada.

A luta, já esboçada por tantos, contra os elementos perniciosos, encerra, sem duvida, muitas decepções, mas estas não desanimam o verdadeiramente forte.

Pelo contrario, servem de incentivo para novas pelejas que, continuadas indefinidamente, conduzirão o vencedor ao logar almejado.

Procuremos para a humanidade um alivio, para ela que ainda geme sob o peso de mil erros conservados pela superstição.

Urucá.

UMA BELA PAGINA DE ANSELMO LORENZO

Aos alunos da "Escuela Moderna"

Os simples impressionistas, os que julgam aquilo que encontram na sua frente sem ter em conta antecedentes, nem consequentes, nem circunstancias boas ou más, favoraveis ou adversas, nem tudo o que, oculto á primeira impressão, é parte indispensavel para um juizo exacto, razoavel e justo, esses não vêem um palmo adiante do nariz e qualificam de loucura e maldade tudo o que não cabe na estreiteza rotineira das suas preocupações, que são como que a sciencia da sua ignorancia e rotina, fundo positivo da sua moral. Esses continuariam a imaginar que a Terra é plana; que o firmamento é uma especie de fanal cristalino, sobre o qual se acha a mansão dos bem-aventurados, presidida por um Padre eterno, director da sempiterna musica celestial; que um rio oceano rodeia a Terra; que o navegante que se afasta algumas milhas das Colunas de Hercules pode encontrar a Ilha de S. Balandrão ou a Mão Negra, que empolga os barcos, manejando-os como se fossem cascas de noz; ou discorreriam apoiados nos textos biblicos, como os teologos da Junta de Salamanca diante de Colombo, os quais se admiravam da loucura de supor a existencia de antipodas, pois estes não poderiam suster-se sobre um solo que para eles havia de ser um teto.

Esses mesmos pensadores, de materialismo verdadeiramente grosseiro, teem que recorrer a cada passo ao emplastro do milagre para soldar as incongruencias dos seus juizos, se tal nome merece o absurdo das suas crenças: a criação em seis dias, o barro convertido em Adão, a costela adamitica precursora de Eva, a proibição da maçã scientifica, a difusão das raças, a tôrre berço dos idiomas, o diluvio, etc., com todos os etceteras fundados pela superstição e perpetuados pela tradição sagrada, que por toda a parte se opõe ao saber, justifica a tirania e dificulta a justiça, — e não diremos que a impede em absoluto, porque em seu apoio vem o progresso, empenhado com invencivel tenacidade em a favorecer.

Vós, alunos da Escola Moderna, vêdes esses absurdos dominantes nas inteligencias, livrando-vos deles com o ensino racional que recebeis; e ao considerar-vos livres do pernicioso contagio do erro, não podeis deixar de sentir gratidão para com vossos pais e mestres, que vos iluminam a inteligencia com os esplendores da verdade e vos excitam o sentimento com os nobres impulsos da justiça.

Em tão bela disposição de animo entrareis de correr por conta propria as aventuras da vida, e em cada contrariedade que vos saia ao caminho haveis de reconhecer os efeitos da ignorancia, resultados, não só do absoluto não saber, mas principalmente do mau ensino, do ensino sistematico do erro.

Houve um tempo, nas remotas eras em que floresceu a civilização egipcia, no qual a casta sacerdotal tinha o monopolio do saber, que só se transmitia por iniciação, mediante durissimas provas, aos que mostravam as aptidões requeridas para ter ingresso na corporação privilegiada. Uma vez ali, recebia o iniciando o ensino *esotérico*, que consistia no conhecimento e dominio positivo das sciencias até ao maior grau conhecido.

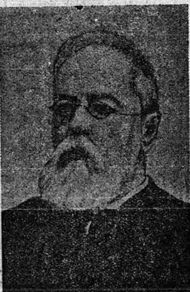
O vulgo, formado por todos os não iniciados nos misterios sacerdotais, recebia o ensino *exotérico*, tradicional ou escolar, constituido por lendas e mitos religiosos, que o povo tomava ao pé da letra, mas que não passavam de simbolos dos conhecimentos scientificos, ou se assim querem, verdades disfarçadas que a sciencia moderna descobriu e revelou, achando ao mesmo tempo que as religiões hoje dominantes são compostas de retalhos incoerentes das antigas, desempenhando a mesma funesta função social.

Para vós, queridos meninos, o *esoterismo* e o *exoterismo* refundiram-se no ensino positivo e racional; e se considerais que esse ensino, que deveria ser o unico, é ainda coisa minima no mundo, no qual domina ainda certa mescla irracional e incompativel de superstição e sciencia, seguramente verificareis que formais uma minoria privilegiada, em face dos que aprendem mal e, o que é mais doloroso ainda, em face do numero imenso de crianças analfabetas, que provavelmente, como seus pais que igualmente desconhecem o abecê e são na Espanha a enorme maioria dos habitantes, nunca aprenderão a ler.

Ensino tradicional exotérico, desconhecimento do alfabeto, viver sem a correlação fraterna das gerações passadas, não poder transmitir um pensamento ás futuras!! Pode conceber-se mais horrivel coisa?...

Pensai nisto, meus queridos meninos, e se este pensamento vos preserva de zombar do ignorante que acredita no milagre por desconhecer a realidade, e excita em vós um sentimento de solidariedade fraterna para lhe oferecerdes a luz que ilumina a vossa inteligencia, cumprireis um dos mais importantes deveres humanos e sociais e desfrutareis ao mesmo tempo um dos gozos mais vivos e puros que se acham ao vosso alcance.

Anselmo Lorenzo.



Da Porta da Europa

ANSELMO LORENZO

O telégrafo anunciou-nos há dias o falecimento do velho Anselmo Lorenzo, em Barcelona. Não farei a biografia, aliás bastante conhecida, do ilustre internacionalista, uma das mais belas figuras do anarquismo e do movimento operário, uma daquelas individualidades de alto valor moral e intelectual de que Ferrer teve a inteligência de se cercar na realização da sua obra; apenas indicarei uma característica desta personalidade e o formoso exemplo da sua longa mas sempre intensa vida.

Mente eleita e cultivada, escritor elegante e claro, Anselmo Lorenzo deixa em jornais, revistas e volumes uma larga e substanciosa obra de propaganda, polémica e recordações históricas, preciosos documentos para a história da velha Internacional e do movimento que a continuou, sobretudo no que se refere à Espanha.

Era então o que se costuma chamar hoje um «intelectual»? Hoje que o trabalho manual e o trabalho intelectual estão separados, havendo os que trabalham para todos e os que por todos estão encarregados de pensar, assim como de dirigir em proveito próprio e da sua classe a produção, o trabalho e os grupos humanos, o *intelectual* vem a ser aquele que se incumbe da honrosa e nobre tarefa do estudo e do saber e faz disso profissão ou estado.

Ora Anselmo Lorenzo era ao mesmo tempo um intelectual e um operário manual, um homem integral em suma. E se o desenvolvimento simultâneo e harmónico da mente e dos músculos num labor produtivo, num casamento íntimo e necessário da sciência e da técnica, teve neste obreiro do braço e do cérebro um exemplo triunfante, numa triste época em que a faina bestial do salariado tira a êste todos os momentos e tôdas as energias para o estudo e para a compreensão, ¿que seria então numa sociedade da qual houvesse desaparecido a distinção entre salariado e patrão, entre governante e governado, entre rico e pobre, entre a ligeira ocupação intelectual do dirigente e a embrutecedora labuta passiva do dirigido, numa sociedade em que ninguém fôsse dispensado da sua quota-parte de trabalho braçal e em que a cooperação de todos e a aplicação completa da mecânica à indústria abreviassem e aligeirassem a tarefa humana e proporcionassem a cada um vagar suficiente para gozar os meios de se instruir postos pela comunidade à sua livre disposição? ¿Que seria numa sociedade em que a fôrça motriz do trabalho e do saber não fôsse como hoje o interesse duma classe de homens, que ganham em geral com a carestia de produtos, com o afrouxamento da produção e com o aviltamento e ignorância do productor, mas sim o interesse de todos e de cada um, sendo todos sócios iguais e administradores directos da riqueza social?

Mesmo na actual luta pela emancipação comum — sem fazer disto uma regra absoluta — os homens nas condições de Anselmo Lorenzo, intelectual que não largou o componedor, que enquanto pôde empunhou a ferramenta do seu ofício manual, são os que oferecem mais sólidas garantias de firmeza de carácter, de coerência de ideas e de actos, de equilibrada compreensão das coisas.

Os intelectuais, vindos em geral das classes médias, ainda quando dão a sua adesão à causa dos oprimidos, quase nunca rompem de vez com o seu mundo, conservam nele muitas ligações corruptoras, trazem dele muitas taras e pre-[illegible] agir e de pensar, e tendem a encarar os problemas sociais sob um aspecto exclusivamente intelectual e artístico, a fazer puro diletantismo, desprezando os interesses fundamentais, a organização e a acção prática. Do seu lado, os trabalhadores manuais tendem a restringir demasiadamente o horizonte da sua acção, a perfilhar a moral e os conceitos teóricos que lhes são servidos já prontos pelas classes dirigentes; e, quando se instruem, a abandonar a sua classe, passando mais ou menos ostensivamente para o inimigo.

Muito se tem dito e escrito sôbre a acção dos intelectuais no movimento operário. A questão é bastante simples no que se refere à organização operária por ofícios ou indústrias. O intelectual é automáticamente excluído do sindicato, que só recruta os membros da profissão e não admite uma direcção externa, — se o sindicato é um verdadeiro sindicato, aceitando o lema da Internacional: a emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos próprios trabalhadores.

Ao lado, porêm, da organização económica do proletariado, há os partidos que se agrupam, não segundo a condição social e a profissão, mas em tôrno de ideas, tendentes á emancipação social e à abolição das classes, com soluções e métodos diversos.

Pois bem: aí mesmo os intelectuais vindos da burguesia teem dado fartos exemplos de palinódias, deserções e confusionismos, desmoralizando e desorientando. E o mal é mil vezes maior quando o método de acção é eleitoral e parlamentar — porque não há nada como o parlamentarismo para atrair os aventureiros e as meias consciências.

Anselmo Lorenzo foi, pois, um grande e salutar exemplo. Sob todos os aspectos, a sua nobilissima figura inspira o mais profundo respeito.

Êste octogenário morre de espírito lúcido e com coração sempre moço e ardente. Soberba têmpera de lutador! Maravilhosa fibra de homem de convicções! Extraordinário obreiro do futuro! Magnífico modêlo nesta triste hora de crise, quando bastantes intelectuais, mesmo anarquistas, mostram ter do anarquismo e da luta operária uma concepção mais democrática e burguesa do que própriamente «anarquista»!

LISBOA, 6 DE DEZEMBRO DE 914.

Neno Vasco.

Ecos & Notas

O FREIO RELIGIOSO

O mensario londrino *Freedom* recorda muito a proposito que, por ocasião da grande greve de Dublin, os padres catolicos se opuseram á partida das crianças dos grevistas para Inglaterra, onde seriam recolhidas pelos trabalhadores ingleses durante a luta. Diziam os padres que as crianças, indo para o seio de familias protestantes, seriam contagiadas... embora os operarios ingleses garantissem completa abstenção de propaganda, respeito completo pelas ideias das crianças e seus genitores...

A serviço do patronato irlandez, os padres queriam impedir aquele valioso auxilio prestado pelo operariado inglez aos seus irmãos em greve, e conseguiram-no, contribuindo para a vitoria patronal com a religião.

Agora, são os catolicos belgas — adultos e crianças abandonadas — acolhidos pelas familias protestantes inglesas, e já não se fala no tal obstaculo religioso, apesar de os protestantes mostrarem publicamente a sua intenção de aproveitar o ensejo de proselitismo.

E' mais um facto para provar que a religião é com efeito um freio..., para os pobres serem cavalgados pelos ricos e poderosos.

CATOLICISMO E TIRANIA

Traduzimos de *La Bataille Syndicaliste*:

«Não somos só nós, é a humanidade inteira, é o povo em particular que conhece esse catolicismo. Demasiadas vezes o viu o povo pactuar com todos os tiranos e todos os exploradores, erguer-se contra ele sempre que ele tentou um esforço libertador, convida-lo a resignar-se á servidão e á miseria. Vê hoje ainda os Bourgets e outros pilares carunchosos da Igreja taxarem de utopia ridicula a sua magnifica esperança internacionalista e declararem que, após a horrivel guerra actual, para a qual ele foi empurrado, ha-de haver outras, sendo a guerra eterna, decerto como a maldição divina.

Sim, demais conhecemos nós o catolicismo; ha dezoito seculos que ele mostra quanto vale. O sr. Bourget escreveu: «Enquanto houver sofrimentos, ha-de haver tambem igrejas, — e a Igreja.» Nós o que dizemos é: «Enquanto houver igrejas, — e a Igreja, ha-de haver sofrimentos.» E é por não querermos sofrer mais que não queremos mais igrejas, — nem Igreja.»

Dum lado, o papa invoca a fraternidade e a caridade, atribuindo as guerras á falta destas virtudes e de fé cristã; do outro lado, os clericais zombam dos desejos de paz e confraternização internacional, incitam aos armamentos e declaram eterna a guerra.

Ascorosos tartufos!

NOTA ALHEIA

Vendo a religião decair de dia para dia, disse um dia Voltaire:

— Coisa triste, em todo caso: de que havemos então de zombar?

— Ora! respondeu-lhe Sabatier de Cabre; consolai-vos, que não nos hão de faltar as ocasiões nem os meios.

— Ai! senhor, redarguiu Voltaire amargamente; fora da Igreja, não ha salvação...

UM LOGRO

REPULSA AO CONFESSIONARIO

O vigario e o vinho, o sacristão e sua mulher

Em remota vila do interior, ditoso aprisco do rebanho do senhor que apascentava acobertado pelas azas diafanas do anjo da paz, lá no cimo do outeiro atapetado de relva, erguia-se a igrejinha alva e esbelta, tipo moderno, com o torreão esguiu e elevado para o céu, qual um traço de ligação entre Deus e os homens, como que a transmitir-lhe as preces dos fieis devotos, que em ardentes orações assim se pretendiam comunicar com a divindade celeste, quando para isto eram chamados pelo sino que do alto campanario derramava sua voz sonora pela esplanada, convidando-os.

Por trás e entre os verdes canteiros onde vicejavam as rosas e os rosmaninhos que embalsamavam o ar com os seus agradabilissimos perfumes, de envolta com as alegres dalias e os ridentes crisantemos, dormia na quietude angelical e sagrada, longe do rumorejo que enchia a praça nos dias de feira e como que segregada de todo bulicio rural que dava vida á remota vila, o monasterio, a casinha do padre, do vigario de Cristo — o meigo rabino da lenda catolica, toda caiadinha, limpa, asseada, onde se via o desvelo da mão cuidadosa da boa dona de casa que era a mulher do sacristão, a qual devotadamente se prestava aos serviços caseiros procurando com interesse suprir tanto quanto possivel a falta da esposa meiga e carinhosa que a igreja véda aos padres, impondo-lhes um celibatarismo intransigente.

Moça ainda, de compleição sadia, abundante de carnes que demonstravam o descanço do espirito e a saude vigorosa, quadris amplos e arredondados, a boa mulher do sacristão dividia o tempo entre o seu homem, quer dizer entre os arranjos domesticos e os deveres da religião, inclusive o carinho empregado em cuidar do ninho calmo e sereno do santo pastor das ovelhas de Cristo.

Assim corria tudo na melhor ordem quando percebeu o astuto sacristão, talvez desconfiado das solicitudes de sua cara metade para com o padre, que entre este e aquela que devia ser sua companheira fiel e dedicada, havia alguma cousa mais do que as limitadas relações religiosas, talvez a influencia do confessionario, onde o confessor fizera valer o emprego da filosofia casuistica em toda sua exigencia, despertando naquela consciencia adormecida, não só a curiosidade como o sensualismo que tal um leão em sua cóva, modorrava no organismo exuberante de seiva.

Julgando-se então ludibriado, o nosso heroi jurou a si mesmo vingar-se do padreco, mas como? eis aí o engasgo. Tanto porêm plenejou, tanto barafustou que afinal resolveu pôr em execução um plano.

Havia o vigario recebido de presente um belissimo quinto de vinho de meza, de um sabor delicioso e de uma coloração tão delicada, que vertido ás gotas fazia lembrar o rubí do oriente e que o padre cioso fizera engarrafar cuidadosamente, afim de conserva-lo por mais tempo.

Então o vingativo marido tratou de ir fazendo desaparecer uma a uma as garrafas, cujo conteúdo saboreava ás refeições, com satanico prazer.

Notando o proprietario de tão saboroso nectar o desaparecimento de seu tesouro, entrou em cogitações das quais concluiu que sómente o seu sacristão podia ser o ladrão, pois que nenhuma outra pessoa ali entrava, e decidiu saber e corrigi-lo.

Ao dia seguinte chamou o santarrão e aconselhou-o a que se confessasse, visto que já ha muito tempo não o fazia, ao que o outro anuiu sem relutancia e lá se foram caminho do confessionario. Aí chegados tomou cada um o seu lugar e após toda aquela mexinifada inicial de tal cerimonia fantasista e hipocrita, pergunta o clerigo:

— Quem foi que bebeu o vinho do vigario?

— Hein? Não entendo nada, responde o outro.

Quem foi que bebeu o vinho do vigario? pergunta o confessor.

— Não ouço cousa alguma, responde o confessando.

— O que será, hein? Porque é.

— Não sei, com certeza é defeito do confessionario.

— Será?! Vamos experimentar, venha você para aqui, que eu vou para o lado de lá.

Assim fizeram e inverteram os papeis e, uma vez o sacristã colocado no lugar de confessor, pergunta:

— Quem foi que seduziu a mulher do sacristão?

— Hein? Não ouço... retruca o papa hostias, que caíu das nuvens vendo descoberto o segredo que julgava oculto e estava descoberto por quem mais lhe interessava que ignorasse.

— Quem foi que seduziu a mulher do sacristão. Pergunta de novo.

— O que?... Não entendo nada. Eu creio que isto é mesmo defeito do confessionario. Vamos acabar com isto.

Assim deixou o confessionario de ser um bom partido para aquele santo ministro de Deus, pois transformara-se para si em pelourinho, que logo repulsou e detestou.

E' que um meliante valia bem o outro.

Alagoas — 1914.

Giordano Bruno.

Escola Moderna de S. Paulo

Conforme estava anunciado, realizou-se, no sabado passado, a festa promovida pelo Comité desta associação.

Apesar de ter sido alterado o programa por motivos de força maior agradou bastante a representação das peças levadas á scena em substituição das que estavam anunciadas.

A quermesse compunha-se de 500 premios que foram, em menos de duas horas, vendidos á numerosa assistencia.

Depois do espectaculo seguiu-se o baile familiar, que se prolongou até á madrugada.

—

O Comité pede a todos aqueles que ainda teem bilhetes em seu poder, para liquidar o mais breve possivel os seus debitos. Para os pagamentos podem dirigir-se á séde das duas Escolas ou a esta redacção.

—

Toda a correspondencia para a Sociedade Escola Moderna de S. Paulo deve ser endereçada á Caixa Postal 1016. — S. Paulo.

Escola Moderna n. 1

No dia 1.º do corrente, ás 14 horas, realizou-se em sua séde uma festa escolar, que esteve bastante concorrida.

O seu programa, que constava de uma palestra pelo professor, cantos de hinos e recitações de poesias pelos alunos, foi bem executado, satisfazendo á expetactiva dos assistentes.

Compareceu tambem, de improviso, a banda musical "União Operaria" do Belemzinho, que gentil e gratuitamente se dignou abrilhantar a festa com a sua presença, executando belas peças de seu variado repertorio.

A parte referente á recitação de poesias foi bem desempenhada, merecendo aplausos por esse motivo os alunos Bruno Bertolacine, Pedro Passos, Maria Tereza, Antonieta Morais, João Chiesa, Afonso Chiesa, Carlos Chiesa, João Bento, Antonio Tavares, Manuel Tavares, Abilio Bento, Angelo Bendazzoli, Abel Tozzato, Arlindo Pedroza, Valdemar Pedroza e Edmundo Scala.

Ao terminar a festa, que esteve muito animada, usaram da palavra, alêm do professor, o companheiro Angelo Scala e Ernesto França, redactor d'*O Grito do Povo*.

BIBLIA VERMELHA

Enquanto o homem não gozar da doce liberdade que lhe concedeu a Natureza, pela força obedecerá á voz daquele que o manda; mas rebelar-se-á interiormente contra o poder que o degrada.

***

O homem sem convicções é flôr sem aroma.

Pons.

***

O amor predomina sobre todas as tendencias humanas, em uma sociedade justa; em uma injusta, o dinheiro acima de tudo.

Pahisa.

***

A natureza poz em comum todas as coisas para o uso de todos; a usurpação fez o direito privado.

São Ambrosio.

EM BARBACENA

A capela da rua 13 de Maio

Este sr. padre de Barbacena tem sido um heroe e ao mesmo tempo um felizardo em suas aventuras. Aos poucos vai ele se estendendo e zombando deste povo que ainda não se dignou tomar a serio a falta de pudor desse batina aventureiro, que muito precisa de um serio correctivo.

Se o povo desta terra não fosse ordeiro como é, esse tipo, esse hipocrita, já ha muito teria sido corrido daqui a pedradas.

Para cumulo de suas patifarias, com maior assiduidade vem ele frequentando a capelinha da rua Treze de Maio, onde vai oito e dez vezes no dia adorar a sua *Santinha*, e para ouvi-la de confissão no quarto escuro!... Bandalho e safado!

E' essa a religião dessa corja de porcos que muitas infelizes tem atirado á prostituição, com o auxilio da sombra da Igreja, e das hostias. Inumeras teem sido as vitimas desses abutres, muitos deles apontados pelos jornais do Rio e de outras partes.

Esse ruminante vive sem descanço a quebrar a esquina da rua Treze de Maio de momento em momento. E' esse santo padre que de ha muito vem explorando esta população e avançando por todos os recantos a cercar missas, baptisados, casamentos, tornando-se até inimigo dos seus colegas, e acima de tudo explora de toda maneira uma pobre tolazinha da aludida rua Treze, a quem ele chama de "minha Santinha"...

Aí nessa nova capelinha, todas as noites ha novenas, centenas e trezenas...

Ali tambem se reunem algumas casadas, beatas e cheiradeiras de batinas.

E é assim que se ganhará o céu!... Pobres idiotas.

Eu, como chefe de familia, aviso aos demais, que tomem serio cuidado com esses tipos de batina, que teem sido a causa do desvio de muitas donzelas.

Do outro padre, digno colega deste, tratarei mais tarde.

Um catolico.

SOFISMAS CLERICAIS

Quando um academico ousa dizer: "O povo não tem vagar para essas meditações prolongadas com que o filosofo, o historiador e o sociologo analizam os seus sistemas. Depois de ter labutado o dia todo nos campos ou na fabrica, *só pode receber ideas já feitas*"; quando Paulo Bourget regista tamanha desigualdade, não como um mal a destruir, mas como uma coisa boa, normal, a conservar, e mesmo a prolongar por meio da lei e da imprensa; quando, no vigesimo seculo, um burguez ousa imprimir em sua linguagem academica: "Povo, trabalha para nós e por nós, que nós pensaremos por ti", é preciso responder a esse burguez que trabalho das mãos e trabalho do cerebro são dois modos diferentes de usar a vida e que a harmonia necessaria a uma vida ideal reclama o funcionamento de ambas as maquinas, a manual e a intelectual. O sr. Bourget bem o sabe: depois de ter escrito os seus artigos ou os seus romances, monta a cavalo, patina, lawnteniza ou folga á beira-mar; o alfaiate, o pedreiro, o impressor, depois de efectuado o seu trabalho manual *util*, gostaria de dispor de algumas horas para repoisar os braços e instruir o cerebro: impedem-no disso as condições economicas.

Quando um Junius afirma que nós, os detentores do "ideal revolucionario", no momento em que defendemos o solo da França contra o invasor alemão, "pensamos inevitavelmente em assegurar a eternidade da nossa alma", devemos ajuntar que não nos embaraça o cuidado dessa alma. Para ocupar os nossos dias e proporcionar trama solida aos nossos pensamentos e acções, bastam a preocupação dos nossos corpos e dos de nossos filhos e a dignidade da nossa vida.

Quando um general Cherfils nos quer persuadir de que "Deus interveio para introduzir, nas engrenagens da terrivel maquina de guerra alemã, os grãos de areia que lhe estorvaram o funcionamento", que "logo nas primeiras semanas da guerra se tornava *manifesto* que Deus não havia de permitir" o seu bom exito, devemos consignar que ao nosso senso comum Deus não se *manifestou* de modo algum, mas que engenheiros franceses inventaram um canhão muito manejavel e de efeito segurissimo e que a iniciativa franceza se mostrou, ao cabo de poucas semanas, superior á passiva obediencia alemã.

Quando um deputado como Julio Delafosse imprime que "o internacionalismo fez o seu tempo", quando diz outro tanto do "pacifismo, o qual não passou duma filosofia de pedantes" (é convosco, Frederico Passy, Carlos Richet, padre Pichot e tantos outros), é preciso servir-lhe a conclusão mesma do seu mesmo artigo: *A paz é um bem que condiciona todos os outros*" (será Delafosse tambem um pedante?) e o fim: "Se a vitoria nos conferir o direito de ditar as condições da *paz futura, saberemos cerca-la de tais garantias que nunca mais haverá que recear por ela*".

Todos os logicos desta escola são da mesma força; á imitação de Carlos Maurras, partem de premissas falsas, raciocinam de maneira muito logica e vão ter fatalmente a... conclusões falsas; á imitação do deputado Delafosse, expõem opiniões discutiveis e vão dar a conclusões razoaveis, mas diametralmente opostas áquelas opiniões; á imitação do sr. Barrés, entendem que embora "as suas raizes mergulhem na noite, o dever é evidente, certo."

Esta mentalidade, esta falsa logica, esta casuistica são a mentalidade, a logica, a casuistica do padre, do homem que crê na verdade revelada e a aceita sem exame. Sempre foram nefastas para o povo. Livre-se ele novamente do declive facil que elas oferecem, se quer conservar as poucas vantagens economicas e sociais que possui presentemente e se tem empenho em avançar um pouco mais pela estrada do bem-estar, da liberdade e da felicidade.

Paris, 3 de Dezembro de 1914.

A. Mignon.

Excursão pea Sorocabana e Ituana e pela Noroeste

O nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha embarcou no dia 1 do corrente para percorrer as localidades servidas pelas estradas Sorocabana, Ituana e Noroeste

São as seguintes as localidades que deverão ser visitadas em primeiro lugar:

S. Manuel, Agudos, Rodrigues Alves, Baurú Jacutinga, Penapolis Presidente Alves etc.

Na fórma do costume, e hoje com muito mais razão, somos forçados a dirigir um apelo aos assinantes da Lanterna residentes nas localidades a serem visitadas para que correspondam aos esforços do nosso companheiro.

Sabemos perfeitamente que o momento é de dificuldades gerais, mas, salvo os casos de impossibilidade forçada, com um pouco de esforço todos poderão contribuir com a importancia de sua assinatura, que, afinal, não chega ao preço de uma missa de segunda ordem...

Na ultima viagem feita, não poucas pessoas aconselharam o nosso companheiro a que adiasse a cobrança para outra ocasião, esquecendo-se do que aqui já temos dito um centenar de vezes e que ninguem desconhece, isto é, que a Lanterna *vive* exclusivamente *da contribuição dos seus assinantes. Não conta, ela felizmente e honrosamente, com as subvenções de quem necessita da complacencia da imprensa, não tem a renda de anuncios e não recebe auxilio de agremiação alguma. Unicamente das assinaturas vive ela. Com dificuldades incontaveis, mas assim é — e oxalá assim possa continuar a ser. Julgamos ter deixado bem esclarecida a situação. Os amigos do jornal das zonas mencionadas que procedam agora como é preciso.*

TRAGEDIA CLERICAL NO RIO

Marido ultrajado e padre degolado — Um lobo de batina ao devorar a presa é atacado no covil — De como a religião e os seus sacerdotes atentam contra a virtude das familias a titulo de as proteger — O diario de um sedutor de 54 anos bem comprometedor



Conego Ozorio Athayde da Cruz

Cá estamos mais uma voz diante dum facto escabroso em que um padre da igreja catolica, seguindo talvez o preceito do "amai-vos uns aos outros", não desdenhou das graças duma afilhada e protegida, apesar mesmo de cazada e que, segundo os jornais de onde tiramos esta noticia, era cheia de graça e de encantos, advindo-lhe daí a morte.

Nesta espinhosa tarefa a que metemos ombros; nesta lida diaria e ininterrupta de pôrmos ao sol essas pústulas morais e sociais que por aí campeiam respeitadas e acatadas; nesta série interminavel e inumeravel de podridões de todo o jaez que por aí pululam, armados do no nosso escalpelo não recuaremos diante de nenhum cadaver a dissecar, de nenhuma carcassa a pulverizar, certos de que contribuiremos para fazer luz nos cerebros, e por mais que nos repugne bulir em assuntos pouco limpos não hesitaremos, sempre que disso advenha algum beneficio moral, proximo ou remoto, para esta pobre e resignada humanidade que não vendo ou não querendo vêr se deixa engodar com as falinhas doces e melifluas desses ditos pastores d'almas que, esquecendo-se do respeito devido ás suas ovelhas, não só as tosquiam desesperadoramente como colhem delas os mais saborosos e deliciosos frutos, apesar destes lhes serem proíbidos pelos canones e ainda mais porque se puzeram fora do direito das gentes envergando uma negra e agourenta batina, renunciando ás alegrias do lar, aos beijos da esposa e ás caricias dos filhos, para seguirem essa madrasta velhaca e rabujenta que é a igreja catolica romana, que não os castrando fisicamente como o faz no moral, os torna um perigo para as familias que neles confiam e deles se aproximam.

Mas é necessario que ninguem se iluda! Nós não nos batemos pela moralidade sacerdotal. Nós pretendemos, aspiramos e trabalhamos pelo fim da religião, pela supressão dos templos, das catedrais e dos altares. Queremos que todos esses lugares, sejam, senão arrazados, pelo menos transformados em oficinas, em muzeus ou em escolas, certos de que as religiões teem sido atravez dos tempos o meio, o instrumento, o factor mais decisivo e poderoso para o embrutecimento da especie humana. Elas teem prégado o desprezo do corpo e só a santidade da alma; glorificaram a escravidão, serviram-se dela e apontaram-na á humanidade ignorante e supersticiosa como uma instituição divina que nunca desapareceria; perseguiram todos os inovadores e homens de sciencia; estabeleceram as diversas inquisições e suplicios; transformaram a humanidade num farrapo, num automato que se deixa esfolar vivo só por que a religião lh'o aconselha.

Abominemos semelhante obra. Detestemos semelhantes instituições. Combatamos tal sociedade que consente, que cria e que respeita tais aleijões. Desejemos ardentemente que uma sociedade que causa tais contrasensos, tais mazelas, que produz tais cogumelos, desapareça numa rajada de vento purificador.

Gritemos, clamemos estas verdades de modo que todos se convençam de que a igreja exerce uma obra deleteria, de que seus servidores são uns cancros, uns parasitas que vivem á custa do suor e da virtude alheia, e que nada produzem de util e benefico á sociedade, com a representação das suas comedias, que viram algumas vezes em tragedia.

Mais uma vez: que as pessoas honestas e ingenuas se acautelem com esses "lepras"!

Que todos deixem a igreja ás moscas. Que ninguem dê mais um vintem para a manutenção dessa casta parasitaria que leva a desordem á familia, á sociedade, a todos os agrupamentos e que nada de util desempenha.

Mas relatemos os acontecimentos.

Um pouco de historia

Ha cerca de ano e meio casaram-se no Rio o foguista da armada Antonio Vicente da Silva e Maria Dolores Marques Dias e apoz algum tempo de relativa felicidade surgiu uma disputa entre eles motivada por ciumes, ao que parece bem justificada, tendo o Vicente sido preso, não voltando a casa ao ter sido posto em liberdade, sendo transferido para Mato Grosso a pedido do Conego Ozorio Athayde da Cruz, frequentador da casa, padrinho e protetor de Dolores e que nesse sentido se dirigiu ao ministro da marinha solicitando a transferencia do foguista.

Com efeito o foguista foi para o seu destino, mas com fortes razões de desconfiança do conego Ozorio, convencido que a frequencia assidua deste em sua casa não era tão desinteressada como o padre a inculcava; ruminou no desterro uma vingança a tirar do sotaina que lhe arrebatava a honra e a mulher a quem amava. E assim não deixou de escrever ao conego, increpando-o de ser o cumplice e instrumento da sua desgraça por ter seduzido a sua esposa e acusando-o de ter sido vitima duma cilada, censurando o por só depois de sua mulher ser casada e que se lembrou de a instruir.

Mas as coisas iam correndo bem e todos se julgavam seguros e a salvo das iras do foguista, julgando que este ficaria afastado indefinidamente do Rio. Porêm, o Antonio Vicente, tendo regressado de Mato Grosso, apareceu repentinamente, ha dias, rondando a casa, onde a Dolores morava com a familia, afim de se certificar se ainda lá moravam.

E assim, tendo verificado que lá residiam, depois de ter estado á espreita, e verificado que o rival lá estava, no dia 5 do corrente, ás 3 1/2 da tarde, dirigiu-se para a dita casa, entrou e deparou com a sua mulher sentada... no colo do conego!... e ao lado deles a sogra.

Imagine-se o espanto que este facto lhe causou!

Todas as suas suspeitas, todas as suas duvidas converteram-se em verdades terriveis, em confirmações solenes, decisivas, terrificantes.

Calcule-se o seu exaspero ao vêr a mulher que adorava, uma gazela de 18 anos, presa dum hipopotamo de 54 abusando do seu ascendente na casa, valendo-se das suas maneiras brandas, da sua batina, da sua ternura para seduzir, e dar largas aos seus instintos lubricos e libidinosos a filha do seu falecido compadre, a afilhada que o pai ao morrer lhe recomendara enternecidamente!

O pobre foguista, desorientado, louco, apopletico lançou mão duma faca que encontrou a mão e empunhando-a avançou, rugindo e espumando, sobre aquele grupo, cumplices e causas da sua desgraça inenarravel.

Degolou o padre, feriu gravemente a sogra, golpeou-se a si profundamente para tambem acabar com a negregada existencia: só a mulher conseguiu escapar incolume.

Diario dum seductor

Para muita gente ingenua ha-de parecer blasfemia imputar-se a um padre estas desgraças piramidais. Felizmente o padre teve o cuidado do anotar dia a dia todos os detalhes, todos os amuos e arrebiques da Dolores, todas estas pequeninas coisas que formam a trama do amor e que causam a felicidade dos namorados.

Umas memorias que são a sua condenação!

As zangas, os presentes, os idilios, as horas alegres e os supremos desapontamentos, as joias, tudo, tudo o padre anotou e tudo isso nos convence e demonstra evidentemente que o homem do zero na cabeça andava perdidamente namorado, apaixonado, arrazado pela Dolores, sua afilhada.

E' verdade que ele tinha 54 anos e ela 18! Mas mais uma razão. Ele um homem poupado dos rigores do trabalho e da falta de alimentação, bem nutrido, bem agasalhado, levando uma vida regular, não nos admira que pudesse ainda sacrificar a Venus. E depois é um facto observado que quanto mais velhos, mais novas as querem, porque as flores mimosas despertam mais desejos de ser colhidas, acordam os sentidos adormecidos, dão sensações mais ineditas, causam os prazeres inebriantes da novidade. Quando o paladar está embotado é preciso uma comida mais condimentada, bem sal e pimenta.

Depois o ascendente das falinhas brandas, dos gestos estudados, a elegancia do falar e sobretudo os presentes, a que tantos jovens corações se rendem! As mulheres em geral, desgraçadamente, são vaidosas, amigas das joias, e quem lh'as proporcionar rende-as facilmente. E esse meio foi adotado pelo conego. Os jornais do Rio dizem-nos que a Dolores tinha 2 grossos cordões de ouro ao pescoço com medalhas do mesmo metal e nos dedos ostentava aneis de belas pedras preciosas.

Está explicado o fenomeno. O pobre do foguista nada disto lhe podia proporcionar e depois cabe aqui formular esta pergunta formidavel: — Não seria o casamento um meio de mascarar a verdade aos vizinhos, que acabariam por murmurar de tanta familiaridade entre o conego e aquela familia, e de preparar um casamento a três caso o marido não fosse exigente? Não disse o foguista ao começo que tinha sido ludibriado?

No diario fala-se deste modo, ha pedacinhos como este: "Segunda-feira, 1 de dezembro de 1913."

"A's 6 e 20 da manhã, indo á rua Diamantina buscar o anel; disse ela estar em poder duma parenta."

"Escrevi no mesmo dia acima um cartão a Dolores, declarando não mais auxilia-la, uma vez que já está casada."

Vê-se bem o despeito do conego apaixonado, procurando mostrar a necessidade do seu auxilio, ameaçando não mais a auxiliar talvez para a chamar a melhores razões para com ele.

Chegados aqui lembramos "O Crime do Padre Amaro" do incomparavel Eça de Queiroz. Quando o João Eduardo foi corrido pela filha da S. Joaneira, a instancias do padre Amaro que o pintou já a arder no inferno por que ele era um estorvo ás suas aspirações amorosas, foi procurar o doutor Godinho e lhe contou as desditas do seu amor, o dr. respondeu-lhe:

— "Vejo o que é. Tu e o padre. disse ele, quereis ambos a rapariga. Como ele é o mais esperto e o mais decidido, apanhou-a ele. E' lei natural: o mais forte despoja, elimina o mais fraco; a femea e a presa pertencem-lhe."

E esta citação veio a talhe de foice, porque explica a situação psicologica que nos ocupa.

No presente caso: o conego e o foguista queriam ambos a Dolores. O conego pelos motivos acima citados venceu, afastou, quasi eliminou o foguista; mas vai senão quando este surge na arena e degola, mata, aniquila o padre.

"Ossos do oficio, que o não ha sem osso."

Incerteza e contrariedades da guerra!

Um venceu porque além de polido e prepararado era rico; outro pela rudeza do seu espirito, obedecendo sómente ao instinto que lhe gritava vingança! Os extremos tocam-se. Naturalmente eram ambos religiosos tementes a Deus.

Um, sacerdote de Deus; outro, seu adepto.

Muitos dirão: uma desgraça! E' verdade; mas quem não quer ser lobo não lhe veste a pele.

Tremei, pais de familia! A lição é propria para refletir!

Secção amena

Numa aldeia de Portugal, andava um camponio a lavrar um campo com uma junta de bois, quando, exasperado porque os animais não lhe obedeciam, gritou.

— Raios vos partam!

Ora aproximava-se precisamente uma trovoada, e mal o rustico rogou aquela praga, estalou um formidavel trovão, caindo uma faisca electrica a dois passos. Reposto do susto, o aldeão olha o céu com sobrecenho carregado e diz:

— Então a gente já não pode falar á sua vontade? co'os diabos!

♛ ♛ ♛

Num armazem de «novidades» de Bruxelas, dividido em variadas e inumeras secções, as freguesas que pedem santos, livros de missa e outros objectos religiosos, são obsequiosamente enviadas á secção de «Fantasias».

E' justo!

♛ ♛ ♛

Um padre jesuita qualquer edita um livro com este titulo: Maria, Mãe de Deus e nossa mãe.

Sendo Deus o pai de nós todos e Maria mãe dele, Maria não é nossa mãe: é nossa avó...

A "LANTERNA" NO INTERIOR

EM BAURU'

A Sociedade Luz não poude realizar o seu sarau ao expirar do fatidico ano de 1914 estrangulado pelo 1915, talvez mais lugubre de todo o passado historico, conforme as predições duma parte dos libertarios, bem ponderados nos gravissimos acontecimentos que se desenrolam em varios pontos do planeta e que tendem a generalizar-se sobre toda a superficie da terra, e dos quais, sem duvida nenhuma, com a disputa do industrialismo insaciavel e do militarismo prepotente que ha de estribuchar até a ultima hora na defesa do seu dominio, surgirá a questão social que se estenderá por todos os recantos da terra onde ha governos e governados, exploradores e explorados, opressores e oprimidos. O resultado, porêm, dessa convulsão a ninguem é dado prever por enquanto, devido á falta da preparação das massas produtoras, que deram agora uma boa demonstração da insuficiencia de sua preparação para enfrentar os seus tiranos.

O sarau, como disse acima, não se realizou no dia designado, mas mas no sabado, 2 para 3 do corrente, tendo uma boa concurrencia. Como o programa não constasse de quermesse, a gentil filha do nosso camarada Crivelli ofereceu dois belissimos cestos recheados de doces, que foram postos em leilão alcançando um bom preço e auxiliando bastante a festa.

A Sociedade Luz, agradecendo penhoradissima á Sociedade Dante Alighieri e a todos os distintos cavalheiros e damas que sempre teem concorrido para o brilhantismo das suas festas, almeja-lhes mil felicidades para que continuem a concorrer para o progresso da nossa obra no novo ano.

A mesma Sociedade Luz, devido ás ameaças de um certo membro influente na Dante Alighieri, que responde pelo nome de Enrico Marchioni e é irmão duma bananeira que já deu cacho, recebeu uma oferta valiosissima dum seu incansavel membro, o amigo Valencio F. de Camargo, para a construção dum predio para o funcionamento da Escola Moderna.

Isto em vista do tal Marchioni maçon e dantesco opinar pela desocupação da sala onde funcciona a Escola, afim de voltar a ser habitada pelos morcegos e corujas. E este cavalheiro faz parte da maçonaria e da Dante Alighieri!!!

J. Jubert.

A degenerescencia dos testas coroadas

Agora, que se puzeram tão em evidencia os testas coroados da terra, na sua infamia de ambiciosos sanguinarios, vem a proposito a publicação do resumo seguinte duma conferencia realizada a proposito da degenerescencia nas familias reais portuguesas, pelo distinto literato e medico dr. Julio Dantas. O estudo aplica-se, mais ou menos, ás outras casas reinantes (como não ha muito fez Russel quanto á «dinastia de loucos» borbonica) e mostra que, se já o principio governamental sofre hoje da critica poderosos golpes, o principio monarquico então entrou nos dominios da patologia, foi entregue, para ultima deshonra, aos psiquiatras.

I

Amavelmente solicitado para conferente, julgou de certo interesse vulgarizar algumas das conclusões a que chegou no decurso dos seus trabalhos acerca da hereditariedade e da selecção nas familias reais portuguesas. Não tinha a pretenção de exgotar o assunto, que é vastissimo, no tempo protocolar de uma hora, que lhe era concedido; fixará apenas aspectos gerais, acentuando a singular importancia que reveste o depoimento do medico na filosofia da historia. Não tem intuitos politicos a sua conferencia; tratará o assunto, como medico e como historiografo, com o mesmo independente desassombro com que o tem tratado sempre, nos seus livros e nas suas comunicações academicas.

Sendo o objecto da sua conferencia a degenerescencia nas genealogias reais portuguesas, o orador começou por fixar o conceito de degenerescencia e por definir o degenerado. Estudou o significado biologico dos estados degenerativos; a definição de Morel; o conceito antropologico de degenerescencia como fenomeno de regressão (Kraft Ebing, Schule, Tanzi e Riva); o criterio da escola de Sant'Ana (Magnan, etc.), para a qual o estado degenerativo não é um recuo, mas sim um desvio patologico; a teoria da dissolução da hereditariedade (Féré), em que a degenerescencia é considerada como resultante da perda da integridade de transmissão das adaptações ancestrais e das qualidades de raça.

Caracterizou e descreveu, a seguir, toda a estigmatização do degenerado — somatica, funcional e psiquica; marcou a situação do degenerado no quadro dos estados psicopaticos e enumerou as causas da degenerescencia humana.

Por fim, estudou as relações dos estados degenerativos com as grandes diateses, com as nevroses, com as afecções organicas do sistema nervoso, esboçando o quadro da familia nevropatica.

E' precisamente para o estudo da hereditariedade e da seleção nas familias nevropaticas, que teem especial valor as genealogias das estirpes nobres, unicas conhecidas e conservadas através dos tempos, e, especialmente, as genealogias reais, enriquecidas por mais larga documentação historica e biografica.

O exame destas genealogias é fecundo em conclusões de interesse directo, para a sciencia biologica e para as sciencias historicas e politicas. Todas as raças reais são admiraveis «pépinières» de degenerados. Cada familia real é uma lição de psiquiatria.

Atridas, Plantagenetas York's, Tudores, Saboias, Habsburgos, Bourbons, Braganças — são genealogias exemplares para o estudo da marcha da degenerescencia na especie humana.

E porque? Porque degeneram tão rapida e tão fatalmente as raças reais? Que momentos etiologicos constantes produzem a sua degenerescencia — determinam a sua extinção? Porque é que as familias reinantes e, em geral, as raças aristocraticas e arqui selecionadas são mais feridas de degenerescencia do que as outras familias e as outras raças?

UNIÃO GERAL DOS TRABALHADORES

Na proxima segunda-feira, 18 do corrente, reunir-se-á, a Comissão Administrativa desta associação para tratar assuntos urgentes.

Nenhum membro deve faltar a esta reunião.

A reunião se efectuará na séde provisoria, á rua do Riachuelo, 41, ás 20 horas.

PELAS PUBLICAÇÕES

La muerte del Condor, por Vargas Vila.

Da conceituada casa editora Maucci, de Barcelona, com filial em Buenos Aires, recebemos mais um excelente livro, *La muerte del Condor*, devido á pena do ilustre escritor e filosofo equatoriano Vargas Vila, que os nossos leitores já conhecem, porque dele já publicamos alguns excerptos e pensamentos.

La muerte del Condor é um poema em prosa, naquela linguagem encantadora e sugestiva de Vargas Vila, em que são cantados nas tres partes — Do poema, Da tragedia e Da Historia — os feitos, a vida e a morte de Eloy Alfaro, um grande heroi liberal que bordou toda a sua existencia com actos de humanitarismo e de nobreza e que afinal veiu a sucumbir tragicamente nas garras da multidão fanatica de Quito, insuflada pelos padres e pelos politicos interesseiros e traidores.

Transcrevemos, obedecendo a pontuação revolucionaria e a forma literaria do A., para amostra, um trecho da ultima parte do poema, quando ele nos fala do papel do arcebispo de Quito na morte de Eloy Alfaro e seus denodados companheiros de ideal e de martirio.

«... desgraçado momento; pavoroso momento, em que todas as chagas em putrefacção se abriam no coração das turbas clericais, prontas para cumprir a sentença de morte, dictada contra os chefes liberais pelo arcebispo de Quito, numa recente Circular Politica;

a palavra Piedade, ¿que sentido tem, no dicionario daquele historiografo, amodorrado e pueril, que encanta e deleita a alma candida e feroz de seus rebanhos submissos?;

¿que faz, sobre aquele coração sem ternuras, a cruz pastoral, com os braços abertos para todas as misericordias?;

Federico González sabe que a orgia de sangue vae começar, porque ele a profetizou e ordenou-a;

e, Federico González se encerra na sua mansão episcopal;

de lá sairá Federico González quando saiba que nem um só dos chefes liberais vive, e que Eloy Alfaro, o Grande Alfaro, que foi o pesadelo de sua vida, está morto;

perverso mercador de orações e de anátemas, com a alma gozoza e a consciencia putrida, escutava os gritos da plebe enfurecida, cheio de um prazer neroniano, de uma grande voluptuosidade que agitava a sua alma feroz, despida de toda a virtude, cenobita miseravel de todas as concupiscencias;

. . . .

uma palavra do pastor, uma só, e o rebanho enfurecido teria ficado quieto, como por encanto;

um sinal do báculo, e a grei haveria emudecido, haveria retrocedido... submissa, apaziguada... talvez piedosa;

este abutre vermelho, que oficia de historiador, devia saber algo da sociologia das multidões;

sabia-o?

sim;

por isso não saiu, no momento em que podia *evitar* o crime;

saiu a sua quadrilha de hipocritas quando já não lhes restava senão *lamentar* o crime;

cobarde hipocrisia, que não serve, senão para deshonrar ainda mais o seu gesto de verdugo!»

⁂

Recebemos mais e agradecemos:

Arco-da-Aliança — opusculo de versos de Raymundo Reis, contendo sete sonetos. O producto da venda deste trabalho destina-se á subscripção aberta no *Correio Paulistano* em beneficio das creanças belgas desamparadas. Encontra-se á venda nas melhores livrarias desta capital, pelo preço de 500 réis cada exemplar.

Pequenas coplas — de Saint. Barb., (quem não adivinha logo que é o nosso antigo e entusiasmado companheiro Santos Barbosa?) primeira publicação do Grupo Teatral Cultura Social.

Principios — versos liricos de Luiz de Oliveira e João Francisco Ferry (Da Directoria do «Lepido»). Terezina, Piauhi.

Pequenos écos

Boas-festas — Enviaram-nos os seus cartões de boas-festas, desejando ao nosso jornal, no novo ciclo gregoriano que se inicia, um periodo de fecundos resultados para a nossa propaganda, os amigos seguintes:

José Alodio, de Santos; Duilho Andreotti e familia, de Monte Azul; Pedro Malatesta e familia, de Jundiahy; Salvador Moya, de S. Paulo; Augusto Soares Alves, de Belo Horizonte; José Hernandez Martins, de Cordeiro; sr. Alberto Miller Barbosa e sra. Clotilde dos Reis Barbosa, da cidade de Rio Grande; da directoria da Sociedade Propagadora da Instrução, de Pau d'Alho, Pernambuco; da directoria do Gremio Instrutivo de Bonito, de Pernambuco.

A todos enviamos o nosso agradecimento, fazendo iguais augurios de ano de saude e disposição para a luta em prol dos nossos ideais.

Comunicações associativas — Comunicaram-nos a eleição e posse de suas novas directorias a Sociedade de M. U. dos Artistas, de Bagé, R. G. do Sul, e a Liga Cearense, de Belem, Pará.

Agradecemos a atenção, desejando-lhes francas prosperidades em beneficio da obra de educação associativa.

Uma verdade — Sob este titulo, dedicados partidarios da nossa propaganda residentes em Itauna, Minas, fizeram distribuir em boletins uma boa nota do nosso estimado colega *O Livre Pensador*.

Iniciativas como esta são de muito proveito para a nossa obra e merecem, por isso, ser secundadas em outras localidades.

Gabinete de leitura do Belemzinho — Em beneficio deste gabinete de leitura, realizar-se-á hoje ás 20 horas, no Salão «Leale Oberdank» sito a rua Brigadeiro Machado, 5, um grande festival.

O programa da festa é o seguinte: 1.º conferencia pelo sr. Rodolfo Noronha sobre o tema *As aves;* 2.º *Divida de honra* drama em 2 actos de Veloso Costa; 3.º *Zangas de um avô*, por Mauricio Silva; *Caipira do Piauí*, por E. Andrioli; *Uma sonata de flauta*, por Emilio Russo; 4.º Leilão de prendas e baile.

O desempenho do drama está a cargo do Grupo Dramatico Nacional. Gratos pelo convite.

Anti-clericais!

Livre-pensadores!

Organizai os vossos grupos

E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.

Folhetim da LANTERNA (47)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para 'A Lantern'

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XX

Após o combate

— Meu padre, é o unico que me resta, respondeu humildemente a pecadora.

— Enfim! o céu tem tesouro de misericordia para os que manteem os ministros dele... Cá está o pão... bom!... Ora vejamos o vinho... Hum!... Duas pintas, quando muito!... Nem sei se devo perdoar-vos, minha filha... A indulgencia é muitas vezes culpada.

Lola teve uma crise de lagrimas e pelo frenesi do seu desespero, facil foi a Santafierno ver que só dele dependia conceder-lhe a penitente alguma coisa mais. Mas por mais libertino que fosse nas ocasiões oportunas, a carne de que tinha apetite não era a daquela jovem rustica, e se naquele momento tinha sêde, não era tampouco de beijos. Murmurou, pois, qualquer coisa que podia passar por uma absolvição e, tendo-se Lola retirado cheia de contrição, começou logo a refeição de que a sua robusta natureza tinha grande necessidade após as peripécias do dia, e que, copiosamente regada, durou uma boa hora. Depois disso, Santafierno, plenamente reconfortado, adormeceu.

No dia seguinte, de madrugada, levantou-se e foi buscar o cavalo, que ele deixara arreado e pronto perto da gruta. Depois de ter atado á sela o saco com o resto dos mantimentos, içou-se para cima da sua montada e pôs-se a caminho.

Reflectira que, não estando lá frei Paco, dificil lhe seria demorar-se no ermiterio. Sozinho, a sua presença despertaria suspeitas. Voltar ao castelo, não podia, enquanto pudesse denuncia-lo a ferida não curada. Pelo contrario, encarregava-se de achar mais tarde um pretexto para explicar uma ausencia de alguns dias. O essencial na ocasião era evitar ser identificado como o adversario de Padilla, identificação que seria seguida por uma prisão imediata. Para onde ir? De subito, atravessou-lhe o espirito esta ideia:

— Toledo!

Não é nas grandes cidades que a gente melhor se oculta? Não era ali que mais seguramente lhe chegariam as noticias? E depois Toledo era a praça forte desse Padilla que ele odiava com todas as veras da sua alma e de quem ele jurara vingar-se. Era ali sobretudo que ele podia espiar e ferir o inimigo.

— Vamos a Toledo! disse ele consigo.

Todavia, sendo singularmente imprudente passar pelo caminho que Maria Pacheco e sua escolta tinham seguido ao partir de La Concepción, Santafierno deu uma grande volta pelo nordeste, afim de transpor o Mançanares um pouco acima de Alcalá. Cavalgou assim no meio de colinas aridas, não atravessadas por atalho algum; mas isso pouco lhe importava: a região era-lhe familiar e ele sabia admiravelmente orientar-se. A Santa Hermandad procurava decerto por outro lado, pois nenhum ser humano lhe apareceu nessa parte desolada do planalto das Castelas. Só uma vez viu no horizonte a massa movediça dum rebanho em busca de alguma pastagem: o guardador não devia andar longe.

Depois de ter passado a vau o Henares, Santafierno deu um quarto de volta e, deixando atrás de si Alcalá, celebre pela sua universidade, tomou a direcção de Madrid, seguindo a margem esquerda do Mançanares. Chegou assim até á distancia de uma legua da futura capital da Espanha, quase sem ter encontrado viv'alma. Apenas de tempos a tempos, as ruinas duma habitação vazia ou uma cruz erguida no caminho mostravam que tinham em tempos vivido seres humanos naquele deserto.

Santafierno não era um sentimental nem um filosofo. As impressões melancolicas que tal viagem deveria produzir resvalavam-lhe pelo espirito sem penetrar. Só a luxuria, a colera ou o odio é que podiam revoluciona-lo.

Após duas paragens, que lhe permitiram acabar o presunto até ao osso e o vinho até ao ultimo escorropicho, entrou o cavaleiro em Madrid, ao cair da noite, pelo bairro dos Cuatro Caminos. O seu primeiro cuidado foi apear-se na hospedaria do Espirito Santo, que ele conhecia de reputação. Era, a despeito da santidade da taboleta, o ponto de encontro de todos os aventureiros, devassos nobres ou plebeus, comediantes, ociosos, bigorrilhas, esturdios e meretrizes. Por isso, eram ali relatadas e transmitidas todas as noticias com extraordinaria rapidez.

Depois de ter mandado guardar o cavalo na cavalariça, Santafierno dirigiu-se a casa do mestre armeiro Lopez y Castro, para comprar uma longa e forte espada, companheira indispensavel, destinada a substituir a que se partira no combate. Comprou depois a mestre Prospero, mercador, algumas varas de fita azul, que ele mandou logo coser á gola e á orla da capa, assim como um cordão de fio de prata, com o qual ornou o chapéu. Assim modificado no seu aspecto, voltou á hospedaria, onde tomou um quarto, dando o nome de D. Juan de Ulloa, cavaleiro de Toro.

Depois de ter tirado o pano que lhe cobria a ferida e verificado diante do seu espelho que esse ferimento ameaçava deixar-lhe uma cicatriz indelevel, Santafierno ajustou de novo a faixa em tôrno da fronte e derribou sobre essa faixa as longas mechas dos seus cabelos. Depois desceu á sala comum e, tendo pedido uma caneca de vinho quente com especiarias, prestou ouvidos ás conversas zumbidoras em volta.

De subito, estremeceu: acabava de ser proferido em voz alta um nome, o de Maria Pacheco!

— Sim, senhores, dizia o palestrador, homenzito amaneirado e loquaz, que parecia ter um grande habito de palavra, o caso deu-se tal qual vos afirmo. Uns cem cavaleiros mouros,

UMA OBRA IMPORTANTE

Já foi anunciada na *Lanterna* a ideia da publicação da obra de H. Ch. Leu: «Historia da Inquisição na Idade Media», vertido para o portuguez pelo nosso camarada dr. José Oiticica.

Não é necessario insistir sobre o valor dessa publicação. Ela põe nas mãos dos anticlericais, dos livres-pensadores, dos estudiosos da historia, o melhor, o mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. E' um repositorio admiravel de factos autenticos onde poderá qualquer pessoa aurir episodios eloquentes, aterradores, da acção social da Igreja no concernente á luta contra os herejes.

Essa obra é um elemento formidavel de campanha anticlerical e de estudo da historia.

A sua publicação constituirá um grande passo na propaganda livre pensadora do Brasil.

A obra será publicada em fasciculos de 60 paginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permitirá á Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. Para o primeiro fasciculo é mister obter pelo menos tres mil assinaturas.

Contamos com o auxilio dos livre-pensadores e anticlericais do Brasil.

Cada companheiro pode tomar dez assinaturas por 2$000, tendo direito ao primeiro volume de 600 paginas pronto para encadernar. E' facultado a qualquer tomar o numero de assinaturas que entender.

Os companheiros devem ter em mira que, quanto maior for o numero de assinaturas tomadas mais depressa será publicado o primeiro fasciculo.

A Liga Anticlerical aceita, desde já, os pedidos, devendo cada companheiro enviar o seu nome, endereço e o numero de fasciculos que assina.

Toda a correspondencia e pedidos de assinaturas, assim como dinheiro, devem ser endereçados ao companheiro MAXIMIANO DE MACEDO, RUA SETE DE SETEMBRO, 59, SOBRADO, RIO DE JANEIRO.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldema Carvalho, Ladeira 56-A;

Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;

Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;

Em Bagé — Amantino O. Santos

Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A «LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32.

Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.

Avenida Passos, 122, engraxate.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Largo da Carioca, 20, com o sr. Paschoal Trote.

Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricromia.

Um volume de 112 paginas, 1$700.

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados das respectivas importancias

Alegoria com o retrato de Francisco Ferrer, a	1$000
Retratos de José Nakens, cada um a	1$500
Uma duzia de postais anticlericais	1$200

EM PORTUGUEZ

Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1º e 2º Congressos Operarios Brasileiros	1$200
Cantos Sociais (diversos autores)	$200
Almanaque de "A Aurora", para 1913	1$000
Almanaque de "O Livro Pensador"	$800
Marco A. Pancete, "Giordano Bruno»	$200
Pedro de Melo, «Sonho dantesco»	$200
Domingos Zapata, «As 67 celebres perguntas»	$200
I. A. Betoldi, "O Livro da Verdade"	$500
José Augusto de Castro, "Mensageiro da morte" (Poema anti-jesuitico)	$100
Ex-padre Guilherme Dias, «O que é o celibato»	$200
Natanael Pereira, "A educação religiosa»	$200
Eugéne Pelletan, «A Inquisição»	$200
Dr. N. Rouby, «O Sagrado coração de Jesus»	$200
Monsenhor Silvestre de Chateaurenard, «O celibato»	1$200
Eliseu Reclus, «Evolução, Revolução e Ideal Anarquista»	1$500
Luiz Bulfi, «Greve de Ventres»	$200
Brito Bitencourt, «Catecismo ateu»	$200
José Rizal, «Noli me tangere»	$600
Saturnino Barbosa, «Ensaio de critica racionalista»	1$000
Errico Malatesta, "Programa socialista-anarquista-revolucionario"	$100
» » « Entre camponeses »	$200
Neno Vasco, «Da Porta da Europa»	2$500
» » « Giórgicas » (ao trabalhador rural)	$100
B. Peres Galdós, «Electra» (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, « O Papa Negro »	2$000
Carlos Dias, " Semeando para colher"	$200
Guerra Junqueiro, " A velhice do Padre Eterno "	2$000
Pedro Kropótkine, " O comunismo anarquico "	$200
Chacon Siciliani, " Mentiras Divinas " (cartas aos crentes)	1$700
Adolfo Lima, "O ensino da Historia", 1 fol. de 63 pag.	$700
" " "O Teatro na Escola"	$400

EM ESPANHOL

Francisco Gica, "Lo que entiendo por libre pensamiento"	$300
Por varios autores, "El romance anticlerical" (primeiro tomo)	$300
Pey Ordéix, «El pueblo á la aristocracia"	$300
Ramon Chies, "A una madre"	$300
Potvin, "La democracia y la Iglesia"	$300
Edmundo Gonzalez, "La libertad de enseñanza"	$300
Por varios autores, "Sonetos Piadosos"	$300

EM FRANCEZ

Jean Grave, "Si j'avais á parler aux electeurs"	$100
André Girard et M. Pierrot, "Le parlamentarisme contre l'Ation Ouvriére"	$100
Pedro Kropotkine, "Le Salariat"	$200
E. Malatesta, "Entre paysans"	$300

EM ITALIANO

Romanzo di una donna, "Angelo Longeretti"	1$500
Alceste de Ambris, "L'Argentina e l'Imgrazione Italiana"	$300
Antonio Labriola, "Del Socialismo"	$400
Gaetano Zibordi, " La historia de Federico "	$400
Um laico, " La politica eclesiastica in Italia "	$300
Giovanni de Nava, " Delinquenza e misticiomo "	$200
P. Guarino, " Sole a scacchi "	$400
Luigi Campolonghi, " Azione sindacale "	$300
G. Stiavelli, " Il Primo Maggio nella letteratura "	$400
G. D'Amato, " Ai ragazzi felice "	$200
Paul Adam, "Il figliuol prodigo "	$200
Francesco Pucci, " Il dovere de organizzarci "	$200
F. Nicolini, "Il pane gratuito "	$200
Maximo Gorki, « Interviste "	$600
" " " Il compagno "	$200
Eliseu Reclus, " I podrotti dell'industria "	$200
" " " I prodotti della terra "	$200
Leda Rafanelli, " Alle madre italiane "	$200
Paul Lafarga, " Il diritto all'ozie "	$200
Dott. G. C. C., " Guerra all'alcool "	$200
G. Pozzi, " Favole ed apologhi socialista "	$200
Oreste Ristori, " Polemiche sull'Anarchia "	$300
" " " Operai non bevete! "	$100
Pietro Kropótkine, " L'agricultura »	$200
E. De Amices, " Il socialismo e l'egualianza "	$100
" " " Consigli e moniti "	$100
E. Vondervelde, " Le cittá Piovre "	$300
Costa Andrea, " Un sogno "	$100
" " " Il socialismo "	$100
C. Monticelli, " Il primo giorno del socialismo "	$300
" " " Lo sciopero "	$100
E. Ciacchi, " Ai contadini "	$100
" " " Le nostre leghe "	$100
Dott. Biel, " Il socialismo per tutti "	$100
O. G. Viani, " Abbacedario dell'economia sociale "	$200
G. Renard, " Agli studente "	$100
Leopoldo de Fazio, " Canzone vegetale "	$300
A. Valente, " Conferenze socialiste "	$300
G. Paoloni, " Primo Maggio "	$100
B. Carlantonio, " Le istituzione e la morele "	$100
Feari e Ciccotti, "Contro la marina militare " (discorsi)	$300
" " " Per la ricuzione delle spese militari "	$300
Resoconto del 1º Congresso dei lavoratori della terra	$200
Avv. Emilio Bossi, " Gesù Cristo non è mai esistito "	2$000
Almanacco della Rivoluzione (1909)	1$000

CAROLISMO AGUDO

Cura-se com duchas semanais da "Lanterna"

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitativos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Oriente, 166 a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

***

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — *leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.*

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR"

Orgam da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inqueritos, relatorios e noticias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se tambem da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5$000; 1 semestre, 3$000. Pacotes, a 50 reis o exemplar

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pede-se a reproducção desta publicação aos jornais amigos do paiz)

O Sagrado Coração de Jesus

E' um folheto de indiscutivel interesse para a propaganda anti-clerical Nele se descrevem com perfeição as alucinações histericas daquela pobre doida que se chamou Maria Alacoque

PREÇOS

Um exemplar	$200
10 exemplares	1$500
50 "	6$000
100 "	10$000

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por alguns das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

Preço, livre de porte, 2$500.

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar	200
10 exemplares	1$500
50 "	6$000
100 "	10$000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livre de porte do Correio

500 exemplares	60$000
300 " "	42$000
100 " "	14$000
50 " "	7$000
Avulso	200

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

NO PAIZ DOS FRADES
DE JOSE' RIZAL

UM VOLUME DE 134 PAGINAS $600

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

LA BATAILLE SYNDICALISTE

10, BOULEVARD MAGENTA — PARIS

Interessante diario sindicalista revolucionario.

Colaboradores: Merrheim, Monatte, Harmel, Roudine, F. Delaisi, James Guillaume, Malato, Laisant, S. Faure Madalena Vernet, Griffuelhes, Jouhaud, Yvetot, Vigné d'Octon, etc.

Um ano	31 francos
Meio ano	16,50 "
3 mezes	9 "